

Sutilezas das representações sociais sobre universitários imigrantes: refugiados ou deficientes?

Ana Júlia Vicentini¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0908-3896>

Adriane Roso²

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7471-133X>

Ana Carolina Melo Tambara³

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7668-6489>

Resumo

O presente escrito traz um recorte de uma dissertação de mestrado realizada em uma universidade pública gaúcha, buscando observar aspectos das Representações Sociais sobre imigrantes universitários. Olhamos para as relações de servidores com esses estudantes por meio de seus discursos, coletados em dez entrevistas semiestruturadas e da técnica de *storyboard*. As narrativas foram analisadas com o Método de Explicitação de Sentidos e os elementos encontrados foram agrupados em classes, dentre as quais a classe “Refugiado/Imigrante/Intercambista” e a “Deficiência”. Alguns aspectos das representações sociais de universitários imigrantes e refugiados, permeados pelo racismo, ligam-se a um estereótipo de pessoas negras marcadas por sofrimento, enquanto imigrantes são pessoas brancas que contribuíram com trabalho no passado. Já os intercambistas seriam também brancos, que vêm para aproveitar e aprender. Ainda, a ideia de refugiados como pessoas incapacitadas, ancorada na representação da deficiência, aparece com uma necessidade de benevolência, outra expressão do racismo.

Palavras-chave: Instituição Pública de Educação Superior; profissionais da educação; estudante estrangeiro; aluno negro.

Abstract

This paper presents an excerpt from a dissertation conducted at a public university in Rio Grande do Sul, aiming to observe aspects of the Social Representations of immigrant university students. We looked at the relationships between public workers and these students in ten semi-structured interviews and the storyboard technique. The narratives were analyzed using the Method of Explicitation of Meanings and the elements found were grouped into classes, among which classes “Refugee/Immigrant/Exchange Student” and “Disability”. Some aspects of the social representations of immigrant and refugee university students, permeated by racism, are linked to a stereotype of black people, impacted with suffering, while immigrants are white people who contributed with work in the past. Exchange students are also white, who come to enjoy and learn. Furthermore, the idea of refugees as disabled people, anchored in the representation of disability, appears as a need for benevolence, another expression of racism.

Keywords: Public Higher Education Institution; education professionals; foreign student; black student.

Referência: VICENTINI, Ana Júlia; ROSO, Adriane; TAMBARA, Ana Carolina Melo. Sutilezas das representações sociais sobre universitários imigrantes: refugiados ou deficientes? **Revista Estudos Aplicados em Educação**, v. 10, e202510000, 2025. DOI <https://doi.org/10.13037/reae.vol10.e202510000>

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria - RS – Brasil. E-mail: ana.vicentini@ufsm.br.

² Pós-doutora em Psicologia pela Harvard University. Professora Associada na Universidade Federal de Santa Maria - RS – Brasil. E-mail: adriane.roso@ufsm.br.

³ Especialista em Psicanálise pela Universidade Franciscana. Psicóloga pela Universidade Federal de Santa Maria - RS – Brasil. E-mail: ana.tambara@acad.ufsm.br.



Introdução

O contexto educacional brasileiro tem se deparado com a presença cada vez mais significativa de estudantes imigrantes e refugiados, em todos os níveis de ensino. Dados de 2010 a 2018 (Cavalcanti; Oliveira; Macedo, 2020) mostram o aumento de 6.521 matrículas em instituições de ensino superior. Em 2021, o Censo da Educação Superior apontou 17.947 matrículas de estudantes com nacionalidade estrangeira⁴ em cursos de graduação presenciais e à distância. Mesmo diante dessa realidade, existem relativamente poucos estudos sobre estudantes estrangeiros no Brasil (Bello; Guerra, 2018), em especial sobre “as relações interpessoais de alunos, professores e comunidade escolar dos estrangeiros residentes no Brasil” (Giroto; Paula, 2020, p. 172).

Este artigo deriva de uma pesquisa de mestrado de uma psicóloga servidora de uma universidade federal gaúcha, com contribuições de uma docente e de uma estudante, ambas do curso de Psicologia da mesma universidade. Em nossos cotidianos, percebemos situações e falas nas quais pairavam diferenças entre os estudantes brasileiros e os estudantes imigrantes/refugiados. Nas entrelinhas do discurso e pelas escolhas de palavras, essas distinções foram percebidas. Diante disso, nos perguntamos: como se expressam as relações de alteridade em contextos da universidade pública, isto é, como se dá o (não) reconhecimento de estudantes universitários imigrantes?

Neste texto, intentamos relatar parte dos achados de nossa pesquisa, em especial identificando como certos elementos que compõem representações sociais sobre imigrantes permeiam as narrativas de servidores de uma universidade federal do Rio Grande do Sul.

Aspectos teóricos: representações sociais e racismo

As representações sociais são realidades mentais/subjetivas (Jodelet, 2001), uma teia de significados e simbolizações sobre a qual nos comunicamos, nos configuramos, nos relacionamos, e que não necessariamente correspondem a realidades de fato (De Oliveira, 2004). São “conhecimento carregado de valor que grupos e sociedades acumularam por meio da cultura ao longo das gerações” (Marková, 2017, p. 364). Quando surge algo, alguém ou uma situação nova para nós, precisamos formar representações sociais sobre aquilo, para que o estranho se torne familiar (Moscovici, 2015). Dito em uma analogia, é preciso “traduzir” o novo para a língua que já sabemos, a fim de poder compreendê-lo. Elaboramos o estranho ao utilizar o que temos à mão, isto é, elementos anteriormente existentes, trazidos ao presente e que se misturam, deslocam-se, condensam-se, e que se apresentam de uma outra forma, re(a)presentando-se (Jodelet, 2001; Moscovici, 1978).

O processar essas representações, de coisas, pessoas e novos acontecimentos ocorre em etapas ou mecanismos que agem conjuntamente, a saber, a ancoragem, a objetificação e a naturalização. Para Moscovici (2015), ancoragem é o processo de classificar ou categorizar e dar nome a alguma coisa, fazendo com que esta assuma características das outras coisas que pertencem à categoria escolhida. Ao dar um nome ao desconhecido, traz-se à existência algo que, até então, não existia em nossa realidade mental (Moscovici, 2015). Já o processo de objetificação é descrito como a tentativa de acoplar uma palavra a uma coisa, através de uma

⁴Não é especificado se essas pessoas são imigrantes.



simplificação desta (Moscovici, 1978). O autor expõe que a objetificação reproduz um conceito em uma imagem (Moscovici, 2015), pois as palavras não possuem significado sozinhas. É preciso conectá-las a seus equivalentes não-verbais, ao trazer essa representação conceitual para o real e concreto. O autor observa que essa objetificação não é mais em relação ao objeto representado em si, mas a “uma série de fenômenos que ela [a sociedade] toma a liberdade de tratar como bem entende” (Moscovici, 1978, p. 112). Ao classificá-la, a coisa desconhecida é reajustada para caber na categoria ou se assemelhar a um protótipo, passando a ser compreendida como todas as outras coisas daquela mesma categoria. Uma característica é escolhida e generalizada a todas as coisas daquela categoria, e, sendo positiva, os objetos são aceitos; mas, sendo uma característica negativa, as coisas novas são passíveis de exclusão. Por último, cria-se um “núcleo figurativo”, ao redor do qual vão se aglomerando imagens clichês. O que ocorre, com o tempo e com o uso, é que essas imagens vão se tornando independentes do paradigma inicial. Desvinculando-se da ideia primeira, essa imagem passa a ser aceita como uma realidade (Moscovici, 2015), o que foi denominado naturalização. “As imagens passam a existir como objetos, são o que significam” (Moscovici, 2015, p. 74). Infere-se, portanto, como pontuado por Jodelet (2001), que a representação feita por alguém ou por determinado grupo acerca de algo parte da realidade em que estão inseridos na sociedade e do meio em que convivem com outros sujeitos.

Podemos imaginar que nesse processo acontecem algumas interpretações equivocadas, pois, comumente, “há um mínimo de coerência entre o desconhecido e o conhecido” (Moscovici, 2015, p. 61). Além disso, juntamente com uma relação positiva ou negativa com os objetos novos, há um desejo de separá-los entre normal ou aberrante, normativos ou divergentes, “normais” ou “anormais” (Moscovici, 2015). Ainda, Moscovici (2015) chama a atenção para o uso que fazemos dos pronomes pessoais “nós” e “eles”, apontando que a diferença entre os dois expressa lugares sociais distantes um do outro: de um lado, aqueles com quem nos identificamos e nos sentimos incluídos, e de outro, um lugar social indeterminado e impessoal. A necessidade de colocar “nós” e “eles” em oposição, segundo o autor, adviria da nossa incapacidade de conectar os dois.

“Eles”, nesse caso os estudantes imigrantes, muitas vezes transitam por espaços onde não há o reconhecimento das alteridades e das diferentes culturas (Pussetti, 2010), inclusive nas universidades que frequentam. As diferenças sociais, culturais ou ligadas ao processo migratório podem ser vistas, então, como traços individuais, e patologizados ou marginalizados (Mountian; Rosa, 2015).

[...] as pessoas que pertencem a outras culturas nos incomodam, pois estas pessoas são como nós e contudo não são como nós; assim nós podemos dizer que eles são “sem cultura”, “bárbaros”, “irracionais”, etc. De fato [...] todos os que foram exilados das fronteiras concretas de nosso universo possuem sempre características imaginárias; e pré-ocupam e incomodam exatamente porque estão aqui, sem estar aqui; eles são percebidos, sem ser percebidos; sua irrealdade se torna aparente quando nós estamos em sua presença (Moscovici, 2015, p. 56).

O novo, o estranho, o grupo minoritário, “eles” assombram, ameaçam. Para Moscovici e Pérez (1999), as relações entre grupos minoritários e majoritários (ou hegemônicos, dominantes) são moldadas pelas representações sociais que eles têm um do outro. Distancia-se e rejeita-se aquela ameaça, negando as semelhanças através de dois mecanismos citados por Jodelet (2001): redução e inversão. Na redução, se atribui menor qualidade às características do grupo dominado, mesmo que semelhantes às do grupo dominante. Já na inversão, o grupo dominado é descrito com características opostas ao dominante.

Para Jodelet (2001), o processo de representar socialmente pode ser considerado como uma defesa para manter nossas próprias identidades sociais, o que parece ter relação com a existência da marcante separação entre os “iguais” e os “diferentes”, “nós” e “eles”, uma fronteira onde podemos pensar o racismo. Trazemos a definição de racismo do Glossário da Organização Internacional para as Migrações (OIM):

Construção ideológica que atribui a uma determinada raça ou grupo étnico uma posição de domínio sobre outros com fundamento em atributos físicos e culturais, bem como com fundamento no domínio econômico e de controle sobre outros. O racismo pode ser definido como doutrina ou crença na superioridade racial. Esta definição inclui a crença de que a raça é factor determinante da inteligência, das características culturais e dos comportamentos morais. O racismo compreende o preconceito e a discriminação raciais (OIM, 2009, p. 60).

Tal Glossário também explica a correlação entre racismo e xenofobia, sendo difícil separar suas definições. Não há consenso internacional para a definição de xenofobia, mas ela é descrita como

[...] atitude, preconceito ou comportamento que rejeita, exclui e, frequentemente, diminui pessoas com base na percepção de que são estranhas ou estrangeiras relativamente à comunidade, à sociedade ou à identidade nacional. Existe uma relação estreita entre racismo e xenofobia, termos que são difíceis de distinguir (OIM, 2009, p. 80).

Jorge Vala (2015) defende que o racismo é uma representação social. Ao contrário do preconceito racial, definido por atitudes individuais, o racismo seria uma teoria de senso comum que organiza as relações entre grupos. Além disso, o autor contraria algumas teorias sobre o racismo, dizendo que ele é expressado também por comportamentos “positivos”, como piedade, ou disfarçadas em nome de algo considerado válido.

Para explicar a formação do racismo como representação social, Vala (2015) aborda dois aspectos importantes, que são a maneira como ocorre a ancoragem do racismo e os processos psicológicos e sociais envolvidos. A ancoragem do racismo ocorreria na diferença absoluta em comparação a um protótipo de humano e na semelhança com o que é julgado como negativo, ambas construídas sobre acontecimentos do passado. Já os processos psicológicos e sociais envolvidos seriam crenças que alimentam as representações sobre a natureza da humanidade e que dão base ao racismo. Essas crenças são: que a humanidade seria formada por grupos raciais (categorização); que os grupos humanos seriam profundamente diferentes (diferenciação); que alguns grupos sempre serão superiores aos outros (hierarquização); que a biologia e a cultura determinam diferenças imutáveis (essencialização); e que nem todos os grupos serão aceitos como humanos por causa de suas características (alteridade radical).

Pereira e seus colaboradores (2003) revelam que as expressões de discriminação racial diminuíram no mundo, mas questionam se estratégias mascaradas estariam sendo desenvolvidas para a manutenção dessas ideologias. Os autores citam dois tipos de preconceito que foram assim classificados em vários estudos: o clássico e o novo. O preconceito clássico seriam os comportamentos e atitudes abertamente manifestas, enquanto o novo preconceito se daria por expressões encobertas, disfarçadas e através de um discurso justificador. Ainda segundo esses autores, a nova forma de preconceito não quebra as novas normas sociais antirracistas e ainda se veste de justiça e igualdade (Pereira; Torres; Almeida, 2003). A expressão aberta do racismo, através da comunicação de características negativas dos grupos alvo, por exemplo, acaba sendo substituída por expressões mais sutis, como a negação de emoções positivas em relação a eles, o que foi demonstrado em estudo de Pettigrew e Meertens



(1995). Apesar de algumas pessoas ainda expressarem suas opiniões negativas sobre alguns grupos, usualmente elas não querem causar uma má impressão com isso, pois sabem que hoje isso não é socialmente aceitável. Ocorre, então, a atenuação das declarações racistas ou xenofóbicas, inclusive tentando justificá-las com argumentos que não aparentem discriminação para que não pareçam ser baseadas em preconceitos (Flannery, 2018).

Método

Empreendemos uma pesquisa qualitativa em uma universidade federal gaúcha aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa e autorizada pela instituição. Realizamos entrevistas semiestruturadas — ou entrevista em profundidade, para Gaskell (2002) — com dez servidores da universidade entre abril e maio de 2023. A busca por voluntários para a pesquisa se deu via e-mail, enviado a vários setores da instituição, e por busca presencial ao acaso nas dependências da universidade. Nosso interesse foi pelos servidores das carreiras de Técnico-administrativos em Educação (TAE), por percebermos que eles podem ser informantes valiosos, uma vez que possuem contato tanto com estudantes quanto com professores e outros colegas TAE. Os participantes assinaram um Termo de Confidencialidade e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Realizamos dez entrevistas com nove mulheres e um homem, nove pessoas brancas e uma pessoa negra, que trabalhavam na universidade entre um a 20 anos. Suas idades foram de 25 a 60 anos. Seis dos voluntários estavam lotados em cargos de nível médio, três de nível superior e um de nível fundamental, embora a maioria tivesse escolaridade maior do que a exigida para o cargo.

Por abordarmos um assunto permeado por uma série de preconceitos estruturais, seria esperado que alguns participantes se auto monitorassem para não incorrer em falas racistas e/ou xenofóbicas. Abrie (2005) chama esse fenômeno de “zona muda” (p. 23), sendo constituída “[...] pelos elementos da representação que têm um caráter contra-normativo” (p. 27), ou seja, são ideias que são consideradas contrárias aos valores ou normas dos grupos aos quais o entrevistado pertence, gerando o risco de não causar uma boa impressão se faladas. Diante disso, pensamos ser significativo utilizar instrumentos que permitam a expressão dos conteúdos da zona muda, concordando com as pesquisas de Cruz e Arruda (2008), e de Justo e seus colaboradores (2014), que fizeram uso de vídeos, fotografias e desenhos feitos pelos próprios participantes. A associação desses métodos com a entrevista pode trazer à tona “aspectos desconhecidos ou nebulosos da realidade social a partir de discursos individuais.” (Muylaert *et al.*, 2014, p. 194). Dessa forma, optamos por associar a técnica de *storyboard* (Devenney, 2004) às entrevistas semiestruturadas. No *storyboard*, são mostradas imagens e pede-se que os entrevistados inventem uma estória sobre as pessoas ou sobre uma das pessoas da imagem. Pedimos que os voluntários considerassem que as pessoas das imagens fossem estudantes imigrantes da universidade e utilizamos duas imagens: a primeira delas, obtida no site da instituição e com uso autorizado, na qual constavam estudantes imigrantes e brasileiros, homens e mulheres, brancos e negros; a segunda imagem, encontrada em um banco de imagens para uso não-comercial permitido, era de uma mulher e um homem negros, ela com um notebook aberto, ele com um caderno na mão.

Após a transcrição das entrevistas, a análise das informações obtidas se deu a partir do Método de Explicitação de Sentidos (Gomes *et al.*, 2005; Gomes, 2016), dentro dos paradigmas da Psicologia Social Crítica e da Teoria das Representações Sociais. Esse método é uma análise de conteúdo temática, mas que possibilita observar também aquilo que não é dito expressamente. Primeiramente, elaboram-se estruturas de análise chamadas “campos”, que são categorizações iniciais, e após, cria-se subcategorias, chamadas “classes”, nas quais as



informações implícitas vão sendo “guardadas” (Gomes *et al.*, 2005). Neste artigo, abordaremos duas das classes encontradas como aspectos das representações sociais encontradas no discurso dos entrevistados e que podem revelar muito do pensamento do senso comum circulante na universidade pesquisada, a saber, a classe “Refugiado” e a classe “Deficiência”. Lembramos que a intenção não foi julgar ou analisar a fala dos entrevistados como pessoas, mas sim, como os discursos transparecem as representações sociais naquele contexto. Como é preciso, de alguma forma, familiarizar o desconhecido, e, devido à pouca convivência com estudantes imigrantes e a falta de informações por parte da instituição, os servidores utilizam os repertórios disponíveis para tentar compreender a realidade social. Analisaremos esses achados a seguir, com trechos retirados das entrevistas. Para preservar a identidade dos participantes, não identificamos seus cargos individualmente e utilizamos pseudônimos, tanto para as pessoas quanto para setores da universidade.

Classes “Imigrante/Refugiado/Intercambista”

Segundo Delfim (2019), com base em conceito definido no Estatuto dos Refugiados, de 1951, as pessoas refugiadas são aquelas que deixaram seus países por fundado temor de perseguição e risco à vida e, por isso, não podem retornar, solicitando proteção internacional em outro país. Por outro lado, “imigrante” pode ser definido como um estrangeiro que se desloca com o objetivo de permanecer em outro país (OIM, 2009).

Um dos elementos do campo das representações sociais sobre estudantes imigrantes que encontramos foi a ideia estereotipada de refugiado. Para Vala (2021), os estereótipos possuem a função de tornar o mundo mais previsível e dão o sentido na classificação das pessoas em grupos, por serem aceitos como parâmetro. “Uma vez associada uma pessoa a um rótulo de uma categoria, são automaticamente associados a essa pessoa os traços ou características que supostamente definem essa categoria, ainda que de forma possivelmente não consciente” (Vala, 2021, p. 249).

Nas entrevistas, percebemos que há uma confusão entre os termos “imigrante”, “refugiado” e “intercambista”, mas, na maior parte do tempo, os entrevistados falaram sobre estudantes desafortunados e com dificuldades, como um rótulo relacionado à palavra “refugiado”. Pensamos que há uma forte influência da mídia nas veiculações de notícias a respeito de pessoas refugiadas, as quais utilizam imagens carregadas de sofrimento e destacam aspectos como fuga e ilegalidade (Van Dijk, 2008), retratando as pessoas refugiadas como uma “massa de desafortunados, desprovidos de identidade e voz e à mercê da benevolência ocidental” (Santos-Silva; Guerreiro, 2020, p. 128).

Esses rótulos marcaram a diferença entre imigrantes e refugiados nos discursos dos voluntários, como neste fragmento: “[...] eu acho que é uma pessoa que é mais sofrida, eu acho... uma situação de vida mais sofrida do que só o imigrante” (Aide). A imagem de refugiado imaginada parece ser que esses estudantes tenham vindo diretamente de uma região de conflitos, sem ter tido escolha alguma: “Eu sempre comento que eu não consigo imaginar a situação, porque os migrantes que a gente, né, os refugiados, estão em situação de vulnerabilidade, não é alguém que decidiu ‘ah, vou ir para a [universidade pesquisada], vou ir para o Brasil estudar’” (Priscila). Apesar de utilizar a palavra “imigrante”, também Alice transmite a ideia de que o refugiado é alguém que não teve escolha em sua migração, e logo se dá conta disso, corrigindo sua fala: “Me parece que quando são imigrantes eles não vêm tanto por uma escolha, apesar de que pode ser uma escolha... não que não seja, mas os que eu tive contato me pareceu dessa forma” (Alice).



Com tudo isso, confirmamos o que Fonseca (2009) traz em seu trabalho sobre estudantes Angolanos em São Paulo e no Paraná ao dizer que, por serem negros e do continente africano, esses estudantes são associados à guerra, e que “a marca simbólica e subliminar do refugiado de guerra é mais forte do que a do migrante temporário, do estudante endinheirado e bem situado na estrutura piramidal de seu país” (p. 41). Podemos ver isso na fala de Priscila: “[...] pelas vestimentas eles já tão ambientados, já não tão em nenhum risco mais” (Priscila). Juliana também expressa que o que vem à sua mente quando se fala em imigrantes é uma imagem de refugiado: “Primeiro a gente pensa em... nos... É refugiados, né? Não são só refugiados os estrangeiros. É uma ideia que vem na cabeça assim, né? No primeiro momento. Mas às vezes, assim como os daqui, eles também vão estudar em outros países” (Juliana).

De maneira interessante, Aide conta que houve uma mudança na imagem que vem à sua cabeça quando se fala em imigrantes: “Imigrante... não me vinha a palavra refugiado na cabeça. Me vinha só uma pessoa que vem de outro país morar aqui. Quando a gente fala de estudante imigrante, agora, já me veio assim: refugiado” (Aide). Essa servidora trabalha na universidade há um ano e talvez sua nova vivência dentro da instituição, permeada pelas representações sociais circulantes, tenha contribuído para ela mudar sua referência.

Percebemos nas entrevistas uma estreita relação da palavra “imigrante” com o passado colonial gaúcho. Historicamente, houve um grande investimento para a colonização no estado (Herédia, 2001) e, hoje, há um forte orgulho pelas origens europeias de uma parte da população. Isso confirma que “a imigração acabou se convertendo, no imaginário social, em sinônimo de imigração europeia” (Faustino; Oliveira, 2021). Quando perguntamos o que vinha à mente dos entrevistados quando ouviam a palavra “imigrante”, Hilda exemplifica essa referência dizendo: “Pra mim, imigrante como marca pessoal é quem trouxe crescimento, desenvolvimento, labor, trabalho pra minha cidade” (Hilda). O que nos parece até aqui é que imigrantes seriam as pessoas brancas, europeias, vindas para “construir” o Rio Grande do Sul por meio do trabalho e refugiados seriam as pessoas negras e pobres, sem escolha. Essa confusão/diferenciação é atravessada pelo racismo e por uma xenofobia racializada (Faustino; Oliveira, 2021), o que quer dizer que há “uma distribuição desigual e seletiva do tratamento dispensado aos diferentes grupos de migrantes, a depender de sua origem geográfica e, sobretudo, classificação (hétero-atribuída) dos imigrantes nas hierarquias raciais nativas” e uma “manutenção atualizada do velho crivo racial antinegro” (Faustino; Oliveira, 2021 p. 202 e 204).

A exemplo disso, podemos ver nas falas a seguir uma certa surpresa por parte dos entrevistados ou das pessoas sobre as quais eles estavam falando diante da informação de que alguns estudantes estrangeiros negros não eram pobres, o que pressupõe que se esperava o contrário. Adriane discorre: “[...] daí eu me lembro que falaram assim ‘olha, se esse estudante saiu de lá - não me lembro se angolano, acho que era angolano - é porque lá ele tinha muito dinheiro, porque um pobre coitado da Angola não ia tá aqui no Brasil’ [risos nervosos]”. Enquanto Aide pontua:

E o professor falou assim, ‘esse menino, ele não tem problema assim de renda, de moradia, nem nada’, porque pelo que o professor conversava com esse menino, o pai dele era rico. Então, não tem só pessoas pobres, assim numa situação, uma condição mais humilde. Tem também os que têm dinheiro. Então, que esse menino tirava férias no exterior. Não podia falar comigo porque ele tava de férias no exterior! (Aide)

Em nossa pesquisa escolhemos utilizar a palavra “imigrante(s)” com a finalidade de não especificar a referência a pessoas refugiadas. Como já dito, percebemos confusão entre esses dois termos, mas também com a ideia de “intercambista”. Em quase todas as entrevistas, ora a imigração era interpretada como a situação de refúgio, ora como intercâmbio, mesmo quando

os participantes utilizavam os termos corretos. Nos pareceu que, quando se fala genericamente sobre “estudantes estrangeiros”, a representação é mais ligada àqueles que ficam um tempo no Brasil e retornam aos seus países, como os intercambistas, alguém em condições de aproveitar o período fora de seu país, e não às pessoas refugiadas ou imigrantes, que também são estudantes estrangeiros. Talvez o exemplo mais claro desse fenômeno tenha sido uma situação ocorrida na entrevista com Adriane. Ela expõe sua opinião:

Nenhum imigrante é forçado a imigrar, ele imigra ou porque tá fugindo de alguma coisa, ou porque tá atrás de alguma coisa e... então, eu acredito que aqui na universidade a maioria vem por estar atrás de alguma coisa, no caso, atrás de conhecimento, e uma boa relação ou uma boa inter-relação com um mundo diferente, com uma sociedade diferente (Adriane).

Porém, ao final da entrevista, após desligar o gravador, Adriane se dá conta e fala que, na maior parte do tempo, a seu ver, havia falado sobre intercambistas. A experiência mais marcante que ela conta, durante a entrevista, é de uma estudante que veio fazer pós-graduação no Brasil, e após, retornou ao seu país de origem, não correspondendo ao estereótipo de refugiado. Ou seja, baseada em sua experiência, ela avalia que a maioria dos estudantes estrangeiros da universidade pesquisada vem apenas em busca de conhecimento. De maneira semelhante, Hilda, que já foi intercambista, ao tentar se desvincular do estereótipo de refugiado, acaba desconsiderando algumas especificidades dos estudantes refugiados, por exemplo, que não podem retornar ao país de origem. Ela se refere, inclusive, à imagem de turista, como vemos a seguir:

Acho bem interessante que é esse momento, movimento de quem vem dum outro país. Não vem no sentido de fugir, não é da fuga, sabe? Mas de realmente perspectivar alguma coisa para a vida. [...] Tem a [ideia] da fuga, mas ela é a afirmação de quem tá aqui para conhecer, né? Pra conhecer no sentido de construir conhecimento, produzir conhecimento na universidade e voltar com algo. É diferente do... bom, é quase um... é quase a figura de um turista, que vem, bota na sua mochila algumas coisas, mas vem com essa possibilidade de conhecer algo novo, que quando a gente é turista, a gente bota a mochila e vai, né. Você aprende, você conhece, você interage, mas tem um momento de voltar pra casa... é um pouco essa figura, né? A de voltar pra casa. Talvez aqui a gente tenha alguns desses! Não sei! (Hilda)

Segundo o ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Delfim, 2019), todo refugiado é um imigrante, mas nem todo imigrante é refugiado, sendo o motivo do deslocamento o que os diferencia. Não podemos supor que os imigrantes não se encontrem em situação vulnerável, porém, há de se considerar algumas especificidades possíveis. A fala a seguir, mostra um aspecto interessante: “Porque os imigrantes, eles não são só... é... porque tem os refugiados, né? Tem o ingresso de refugiados... E tem... aqueles que vem mesmo, né? De outros países... [breve silêncio]” (Juliana). A entrevistada aparenta compreender a existência de diferenças entre imigrantes e refugiados, mas explica como se os imigrantes fossem os que “vêm *mesmo*”, o que pode incluir a ideia de provisoriedade do refugiado, em oposição à permanência do imigrante, nos moldes dos europeus colonizadores.

Todas essas texturas encontradas em palavras aparentemente tão simples nos levam a pensar cada vez mais sobre a necessidade de debates e de orientações aos servidores da(s) universidade(s). Reflexos das ideias circulantes, suas falas nos levaram a inferências como a de que os imigrantes e refugiados que estudam na universidade pesquisada não são considerados, *de fato* imigrantes, uma vez que não se encaixam no ideal europeu de outrora. Nos questionamos se existe uma expectativa inconsciente de que eles realmente retornem a seus

países de origem, ou seja, que sigam não pertencendo ao “nós”: “Eu acho que eles também têm expectativa de voltar. Eu acho que eles têm expectativa. Não sei, né, não sei se todos.” (Aide). Essa ideia é exemplificada por Carolina no próximo fragmento, quando descreve causa-e-efeito relacionados ao bom acolhimento e a permanência desses estudantes no Brasil:

Porque se eles já tão saindo duma região que eles... eu imagino que sofreram lá, porque eu vejo os imigrantes como pessoas que vieram pra cá porque não tiveram outra oportunidade em outro lugar, viram aqui como uma oportunidade, [...] pode ser de estudo, né? Então, eu acho que vão continuar no Brasil pelo menos. Se forem bem acolhidos, né? Se não forem, [risos] se não forem, vão embora o mais rápido possível, mas considerando que sejam bem acolhidos, né? (Carolina)

Percebemos a massiva utilização da palavra “acolhimento” nas entrevistas em contraste com as poucas ocorrências da palavra “permanência” ou equivalentes. Ilustramos isso com a fala de Isabel, relatando sobre uma ocasião na qual organizou atividades de acolhimento para os estudantes que ingressaram por edital específico para imigrantes e refugiados em situação de vulnerabilidade:

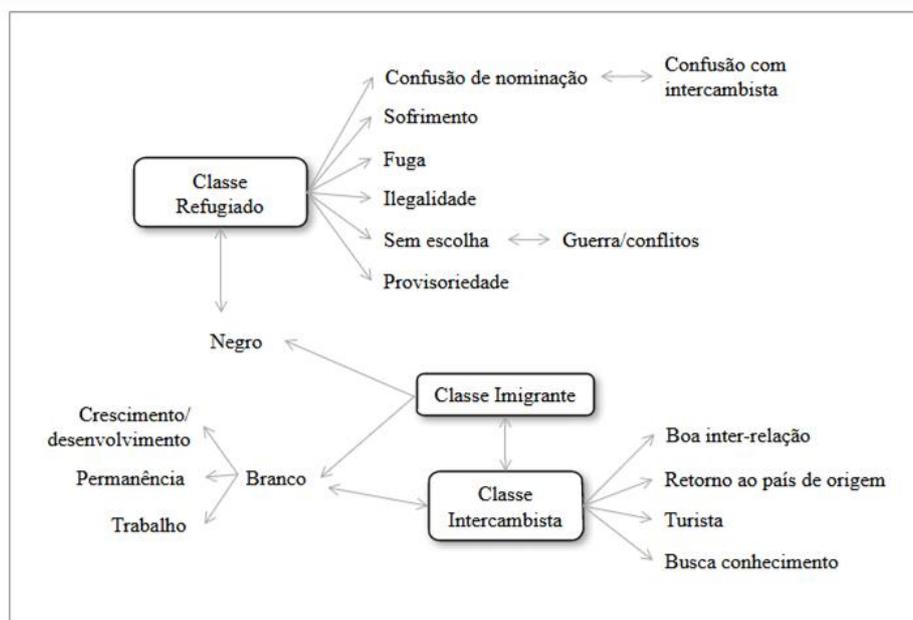
Eu fui atrás e disse ‘como que eles faziam aquele acolhimento?’, ‘Ah, a gente registra’. ‘Tá, mas vocês fazem um acolhimento?’, registrar é registrar, acolher é diferente, faz parte também do acolhimento, né. ‘Mas pra onde eles vão? Quem é que conversa com eles, quem são os amigos, quem recebe?’ Não tinha isso, e eu disse, ‘a gente já faz [para os intercambistas], porque que a gente não pode incluir?’, né? Então a gente fez, aí a gente incluiu, então a gente contou também a vinda dos imigrantes, incluímos no processo. Então, os passeios que a gente fazia na cidade... tudo. Tudo. Com os grupos de interesse, com outras famílias, né? Com outros alunos dos Centros⁵... tem tipo um apadrinhamento com três alunos, um professor... então isso tudo foi feito. E foi muito bom, sabe? (Isabel)

O relato de Isabel denuncia a desigualdade. As atividades que ela relata, como passeios, grupos de interesse, contato com famílias locais e apadrinhamento de estudantes eram ações já realizadas junto aos intercambistas, mas que não incluíam os imigrantes e refugiados na época. Não temos informação sobre a continuidade dessas atividades com estes estudantes atualmente.

Finalizando nosso raciocínio, a seguir, desenvolvemos um diagrama explicando as classes que envolvem as representações sociais de imigrantes, refugiados e intercambistas, conforme encontramos nas falas dos entrevistados (Figura 1).

⁵Na universidade pesquisada, os cursos são agrupados em Centros de Ensino.

Figura 1 - Diagrama das classes refugiados, imigrantes e intercambistas.



Fonte: elaborado pelas autoras, 2023 (adaptado).

A partir dos exemplos citados nas falas e do diagrama acima, existem diferentes classes observadas que variam de acordo com as representações acerca dos estudantes imigrantes e refugiados. Observamos que existem, principalmente, correlações étnico-raciais nas quais se depreendem características comuns, permeadas por uma xenofobia racializada (Faustino; Oliveira, 2021), na qual o refugiado é percebido como pessoa negra, um estranho, alguém marcado pelo sofrimento e sem escolha. Em oposição, o imigrante e o intercambista possuem demarcações distintas, vistos como pessoas brancas e com características benéficas em sua permanência, visto que o primeiro se conecta com a imigração colonial no estado, enquanto o segundo está de passagem, ambos não sendo vistos como estranhos.

Classe “Deficiência”

Algumas entrevistadas têm envolvimento com a temática da inclusão e da deficiência, seja pelo campo de formação ou de atuação anterior. A partir das falas delas, cogitamos que a ideia da deficiência possa ser uma das ancoragens das representações sociais dos estudantes imigrantes. Essa suposição surgiu em parte ao percebermos o uso de termos como “inclusão”, uma palavra muito utilizada em relação a pessoas com deficiência, mesmo entre aqueles entrevistados que não têm trânsito nessa área. Nossa hipótese é que, na relação com os estudantes imigrantes, os servidores percebem a diferença existente em relação aos outros estudantes e a eles mesmos, e tentam procurar em seus repertórios como lidar com essa alteridade. O “diferente” com o qual mais têm contato dentro da universidade talvez seja as pessoas com deficiência, uma vez que a política de inclusão já está mais avançada no ensino superior e o debate e a conscientização sobre deficiência é mais presente na universidade em comparação com as questões acerca de imigrantes e refugiados.

Segundo alguns estudos, a representação social de pessoas com deficiência passa por ideias como incapacidade, cuidado (Bajwa *et al.*, 2018; Gilman, 1988; Vasconcellos *et al.*, 2011), pena, compaixão (Luna; Naiff, 2015) e benevolência (De Melo *et al.*, 2019), as mesmas

que aparecem no discurso dos entrevistados sobre estudantes imigrantes. Esse achado concorda com a literatura no sentido que os estudantes imigrantes são interpretados como pessoas incapacitadas, que precisam de ajuda, intelectualmente atrasados (Mourão; Abrantes, 2020; Van Dijk, 2008), vulneráveis, homogêneos, sem voz e sem identidade (Santos-Silva; Guerreiro, 2020).

De um lado, existe a percepção das dificuldades encontradas pelos estudantes imigrantes, somada às informações propagadas, por exemplo, pelas mídias, que difundem o estereótipo do refugiado como uma pessoa “sofrida”. Os servidores reagem com empatia, porém, com a falta de clareza por parte da Instituição sobre o apoio ao estudante imigrante/refugiado, essa percepção das dificuldades sobressai e se reforça, sendo generalizada e ligada ao grupo identificado com “refugiados”. De outro lado, temos o discurso normativo, do antirracismo e do combate ao preconceito, que talvez faça com que os servidores sintam que esses estudantes inspirem cuidados. E na base de tudo isso, temos o racismo, uma representação social que, historicamente, foi construída em ideias de inferioridade biológica e intelectual (Mourão; Abrantes, 2020; Vala, 2021).

Grande parte das falas das entrevistas foi relativa às dificuldades que os estudantes imigrantes enfrentam. De fato, sabemos que essas dificuldades existem, mas até que ponto são dificuldades *deles* e não do contexto? Como indicam as teorias, um dos maiores desafios enfrentados por pessoas que migram para outros países é o idioma (Bello; Guerra, 2018; Redin; Bertoldo, 2021), e isso foi mencionado muitas vezes durante as entrevistas. Porém, o sentido das falas aponta para dificuldades intelectuais/pessoais/cognitivas e não contextuais, ultrapassando a questão da língua em si. Nesse sentido, Vala (2021) menciona que “os estereótipos negativos associados aos grupos racializados incidem [...] também sobre as suas capacidades intelectuais” (Vala, 2021, p. 115). Ou seja, estreitamente conectado com o racismo biológico, seria como se esses estudantes, por serem imigrantes/refugiados em sua maioria negros, tivessem nascido com déficits cognitivos, deficiências intelectuais, como podemos ver no trecho a seguir:

Ela é coordenadora de um curso e ela disse que a preocupação dela é que ela está com esse aluno em sala hoje... ele é aluno dela, é um aluno refugiado, e que ela não entende como é que ele chegou até aqui, porque ele não aprendeu. Ele não avança e ele não traz o mínimo pra disciplina que dariam pra essas disciplinas de pré-requisito (Hilda).

Ao serem constatadas algumas dificuldades reais, como com o idioma, elas parecem ser entendidas como biológicas e generalizadas aos demais estudantes imigrantes, sendo relacionadas ao estereótipo de refugiado. Aide ilustra bem esse pensamento ao comparar os estudantes imigrantes ou refugiados da universidade com um intercambista mexicano, com quem teve contato em outra instituição:

Eu acho que eles [os imigrantes/refugiados] têm, assim, uma dificuldade de criar tipo um mínimo de vínculo conversando. Que nem eu te disse, aquele outro menino que era mexicano, era mais fácil de conversar e criar um mínimo de um... de uma conversa assim, sabe? Agora, eles, eu acho mais difícil, não sei se por causa da condição deles de refugiados, né? As pessoas assim mais... ah, que passaram por ... por situações mais difíceis da vida, né? Já não era o caso desse outro menino que eu atendia lá, tipo esse mexicano, ele era bem de boa, veio fazer intercâmbio... né? Tá viajando... a situação também é diferente, acho. Acho que deixa as pessoas [imigrantes/refugiadas] assim, mais desconfiadas (Aide).

A “dificuldade de criar vínculos”, em oposição com o estudante mexicano que Aide cita poderia ser interpretada em função de a língua portuguesa ser mais semelhante ao espanhol do



que outros idiomas, ou pelas culturas dos países latino-americanos serem mais parecidas entre si em comparação com países de outros continentes. Mas o raciocínio de Aide foi em direção à situação de refúgio ser a causa da dificuldade. Ao final desse fragmento, a servidora se dá conta do quão diferente era a situação do intercambista em comparação à dos estudantes refugiados, mas atribui a todos os refugiados a mesma característica de serem desconfiados, mais uma vez fazendo uma generalização a respeito de algo julgado como déficit.

Percebemos que, na maioria das falas dos entrevistados, as dificuldades estão na pessoa do estudante imigrante, não em nós ou no contexto, como sugere a fala de Priscila: “[...] porque eles não nos compreendem... porque deve ser difícil pra eles escutar em português, processar na sua língua nativa... então é bem complicado” (Priscila). A expressão “eles não nos compreendem” poderia ser substituída por “nós não os compreendemos”, pois a dificuldade na comunicação pela falta de fluência no idioma do outro é mútua. Priscila também comenta que “como principalmente eles têm reprovações, bastante, eles têm dificuldade em matemática, têm dificuldade no português” (Priscila). Possivelmente, o discurso “eles têm dificuldade” é algo corrente no ambiente da universidade pesquisada, concordando com a reflexão feita por Hilda: “‘Eles não aprendem’, talvez seja desses que eu tive convívio no [nome do Centro de Ensino], foi a fala mais recorrente. Que vem agora da coordenadora, veio do próprio aluno, veio na [nome da atividade], sabe? [...] é uma marca, tá no nosso repertório” (Hilda). É sabido na universidade pesquisada que existem alguns cursos e algumas disciplinas nas quais historicamente ocorrem muitas reprovações. Porque, então, seriam os estudantes imigrantes que não aprendem? Será que não haveria alguma dificuldade dos professores em ministrarem a disciplina, por exemplo? Ou, em relação à língua, será que a universidade ou a comunidade não têm dificuldades em oferecer meios para que os estudantes imigrantes possam melhorar a fluência na língua portuguesa?

Concordando com a literatura consultada, que mostrou representações sobre estudantes angolanos no Brasil como tímidos e educados, mas não como inteligentes e com raciocínio rápido (Fonseca, 2009), no trecho a seguir, a entrevistada compara as dificuldades dos estudantes imigrantes com as dos estudantes surdos que, apesar de serem brasileiros, também possuem língua e cultura diferentes das pessoas ouvintes falantes de português. Ela conta que um professor claramente associa a suposta dificuldade dos estudantes imigrantes com uma diferença transformada em inferioridade cognitiva:

[...] por conta da língua, a gente não imagina, eu tinha experiência com um surdo lá do [nome do local] ... por conta da língua e da cultura, tem uma linha de raciocínio diferente da nossa, né... então eles, aqui, os da [nome do curso], eles patinaram muito em [nome da disciplina], e o professor dizia por que eles não conseguiam ter o mesmo raciocínio lógico de um brasileiro (Priscila).

O próximo fragmento é o relato de Beatriz sobre um estudante imigrante que teve dificuldades com a matrícula em uma disciplina. Ela sai em sua defesa, mesmo não estando na presença dele, por perceber que a dificuldade enfrentada pelo estudante não tinha relação com sua capacidade cognitiva:

Mas, por exemplo, eu já escutei um coordenador dizer ‘mas é um tapado’. Não é um tapado. E eu defendi, disse ‘não é um tapado’. Eu disse ‘Não! Ele precisa de ajuda! Ele pode tá tendo dificuldade pra se dar conta disso’. [...] ‘Ajuda ele!’, dá vontade de dizer [...] Um estrangeiro que tá tendo uma dificuldade ali em perceber alguma coisa, ele não é um tapado. Ele pode tá tendo dificuldade mesmo (Beatriz).



Nos próximos fragmentos, Alice relata já ter ouvido comentários de colegas de que os estudantes imigrantes são pessoas muito dependentes de auxílio, enquanto Aide avalia que as dificuldades de uma estudante imigrante seriam tão grandes que ela necessitaria de ajuda quase permanente:

Que às vezes eles dependem de muito auxílio da parte administrativa, por exemplo, como eu sou dali, sou da secretaria do curso, às vezes eles não conseguem fazer uma matrícula, ou às vezes eles não conseguem... eles não entendem o que que eles precisam fazer, então eu... talvez já tenha ouvido relatos nesse sentido assim, que eles são bastante dependentes do auxílio de terceiras pessoas, assim, sabe? (Alice)
E tem a professora de [nome do curso] que tem a aluna ali, ela fala também que é uma aluna assim, muito... querida, mas... acaba que às vezes tem que ter uma pessoa quase que um monitor particular, sabe? (Aide)

O próximo trecho foi coletado no momento de falar sobre uma das imagens mostradas na entrevista, que é a de um casal negro, a mulher com um notebook nas mãos, mostrando algo na tela para o homem, e ele escrevendo em um caderno. Isabel tem a primeira impressão do homem como sendo uma pessoa com deficiência, fortemente conectada à ideia de auxílio: “Olhando no primeiro momento, até pensei assim, se ele não estivesse escrevendo, eu diria que ele é... Talvez pela posição dos olhos, né? Que talvez ele pudesse ter alguma deficiência, alguma coisa assim, e que tem uma pessoa ajudando, apoiando.” (Isabel).

A referência à deficiência e à maternagem aparece também quando Beatriz compara o tipo de aluno que ela descreve como “desligadão”, desinteressado nos estudos, com os estudantes imigrantes: “[o aluno desligadão] esse é o aluno que realmente, ele pode andar pelas próprias pernas, ele só está se alienando, né?” (Beatriz). Ela utiliza a expressão “andar com as próprias pernas”, que tem uma relação direta com a deficiência física ou com a criança, que ainda não sabe andar sozinha, para dizer que percebe uma diferença entre o aluno que não tem dificuldades, mas que não se compromete com seus estudos, e o estudante imigrante, que tem dificuldades. Ou seja, o estudante imigrante não teria condições de “andar com as próprias pernas”.

De Melo e seus colegas (2019) realizaram um estudo sobre representações de pessoas com esquizofrenia e outros transtornos mentais graves. Nesses estudos, a ideia de ajudar um grupo que é tido como incapacitado é definida como uma forma de preconceito denominada benevolência:

Essa forma de preconceito pode ser definida como uma atitude paternalista e assistencialista exagerada, que, embora talvez pareça benéfica à primeira vista, é baseada na piedade, que leva à discriminação. Essa visão é preconceituosa e excludente, pois o indivíduo com transtorno mental grave é visto como limitado, excessivamente dependente e indefeso, como pessoa incapaz de realizar suas potencialidades e com possibilidades limitadas de exercer seus papéis sociais e seus direitos. A benevolência transmite a ideia de que, devido à sua condição, as pessoas com transtornos mentais graves devem ser protegidas por meio de uma forma de paternalismo centrada na provisão de cuidados especiais, atenção pessoal e até conforto material, semelhante ao comportamento dos pais em relação aos filhos. No entanto, a atitude benevolente não implica afeto ou estima genuínos; em vez disso, deriva do paternalismo caridoso e do moralismo característico dessa atitude. [...] Embora caracterizada como uma forma de preconceito menos evidente, ou seja, mais sutil, a benevolência restringe os sujeitos-alvo a determinados papéis sociais,

reforçando estereótipos e justificando a dominância social (De Melo *et al.*, 2019, p. 2 e 3, tradução nossa).⁶

O estudo citado não abordou pessoas com deficiência, mas nos parece que existem muitas semelhanças. Um dos aspectos da benevolência é o paternalismo, conectado ao entendimento de que essas pessoas, consideradas incapazes ou vulneráveis, sejam tratadas como crianças, o que se encaixa muito bem em alguns fragmentos de nossas entrevistas. Como exemplo, destacamos a fala de Beatriz:

Eu vou te falar assim, é baseada realmente no que, nas experiências que eu tenho tido ali, tá? É... desafio. Superação. Dificuldade. [...] Então assim, eu me penalizo de ver, porque eu consigo ver a dificuldade. Eles chegam ali e, tipo assim, parece que a gente se sente meio mãe deles, querendo que a gente resolva, e a gente tem que ir com todo cuidado, né? Tentando entender, assim, minuciosamente o que eles estão falando, até pra... pedindo, quantas vezes “desculpa, não, não consegui te entender”. Aí repete, né? Mas tu vê, é desafio pra eles, sabe? Apesar de eles falarem o português. É difícil [...], Mas sim, de repente também encontra alguns anjos, né? Pessoas que estejam dispostas a estender a mão pra ajudar. Deve ser mais ou menos por aí, sabe. (Beatriz)

Tratar pessoas consideradas incapazes como crianças, em acréscimo à fala de Beatriz, que se sentiu ocupando o papel de mãe diante dos estudantes imigrantes, nos fez pensar em uma possível relação entre a representação social de deficiência, a dificuldade com a língua e a ideia de maternagem. A dificuldade com o idioma pode ser comparada a das crianças, levando à infantilização e a uma suposição de imaturidade dos estudantes imigrantes. A concepção de que esses estudantes são imaturos, por sua vez, tem estreita relação com a ideia de inferioridade racial e cultural, na qual se considera que os estrangeiros negros são atrasados cultural e intelectualmente (Mourão; Abrantes, 2020). A maternagem parece ser sentida como necessária, no intuito de guiar os estudantes à superação das dificuldades. O problema é que, em se tratando de sujeitos adultos, essa maternagem tem contornos de dominação. Em vista de o Eu se constituir somente diante de um Outro, essa maternagem pode ser compreendida também como uma busca pela manutenção dos lugares de poder, no qual a mãe/pai são as figuras de autoridade e que possuem o saber sobre o mundo.

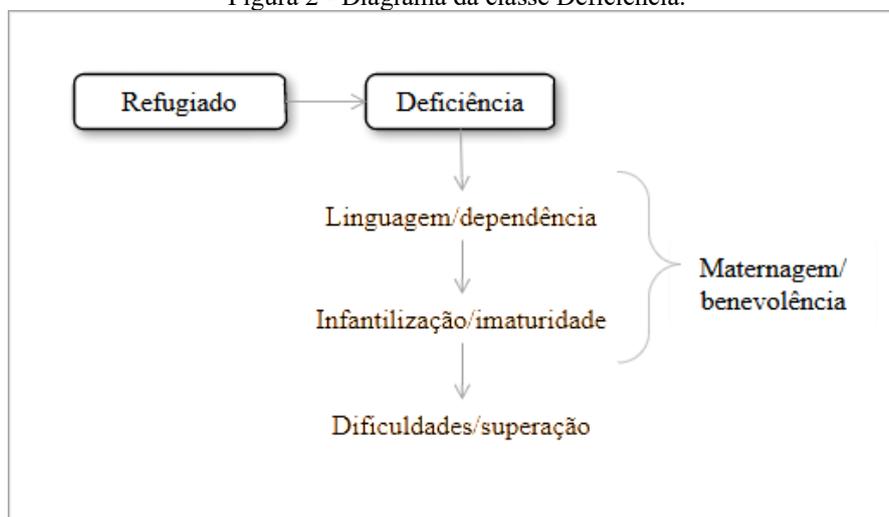
Percebemos, através de nossas vivências na universidade pesquisada, que a lógica da ajuda é algo realmente presente. Na verdade, talvez ultrapasse a ajuda e tenda à culpabilização ou à patologização dos estudantes (não só dos imigrantes), na medida em que, ao se perceber dificuldades, se entende que eles precisam de apoio, mas são realizadas poucas ações na instituição para que se modifiquem algumas lógicas adoeedoras. Pelo contrário, cada vez mais se caminha para um entendimento biomédico, centralizado e numérico. A situação dos estudantes imigrantes na universidade pesquisada parece evidenciar esse modo de encarar a

⁶No original: “*This form of prejudice may be defined as an exaggerated paternalistic and assistentialist attitude, which, despite perhaps seeming beneficial at first sight, is based on pity, which leads to discrimination. This view is prejudiced and exclusionary, because individuals with severe mental disorders are seen as limited, excessively dependent and defenseless, as people who cannot actualize their potentialities and with limited possibilities for exerting their social roles and their rights. Benevolence conveys the idea that because of their condition, people with severe mental disorders should be protected through a form of paternalism centered on the provision of special care, personal attention and even material comfort, similar to the behavior of parents toward their children. However, the benevolent attitude does not entail genuine affection or esteem; instead, it devolves from charitable paternalism and the moralism characteristic of this attitude. [...] While characterized as a less evident, i.e., a more subtle, form of prejudice, benevolence restricts the target subjects to certain social roles, thus reinforcing stereotypes and justifying social dominance.*” (De Melo *et al.*, 2019).

alteridade. Destacamos que o sentimento dos servidores entrevistados, em sua maioria, é de empatia e de humanidade, mas isso infelizmente não apaga o racismo estrutural.

Para resumir nossos achados na classe “Deficiência”, criamos o diagrama da Figura 2.

Figura 2 - Diagrama da classe Deficiência.



Fonte: elaborado pelas autoras, 2023 (adaptado).

Considerações finais

Neste texto, buscamos relatar alguns achados de uma pesquisa de mestrado, na qual pretendemos identificar elementos que compõem as representações sociais sobre imigrantes atuando nas narrativas dos servidores de uma universidade federal gaúcha. Encontramos que alguns desses elementos estariam mesclados com outros três: 1) o de refugiado, ligado às ideias de sofrimento, fuga, ilegalidade, falta de escolha por causa de guerras ou conflitos, à provisoriedade e ao racismo; 2) o de imigrante; e 3) o de intercambista - com estas últimas se aproximando e se confundindo ao mesmo tempo. Os imigrantes corresponderiam mais a pessoas brancas, e estes, a crescimento e desenvolvimento, trabalho, enquanto os imigrantes negros seriam vistos quase como um sinônimo de refugiado. Já o intercambista, se conectaria com boa inter-relação, retorno ao país de origem, turismo e a busca pelo conhecimento.

A ideia da deficiência pode ser outro elemento das representações sociais dos estudantes imigrantes na universidade pesquisada. A percepção das dificuldades enfrentadas por esses estudantes se somaria com o estereótipo de refugiado, com a falta de definições institucionais, com a norma antirracista, e com o racismo, construído com base em ideias de inferioridade das pessoas negras. As dificuldades são colocadas na pessoa do estudante, e generalizadas para o grupo. Interpretada como incapacidade e vulnerabilidade, a dificuldade com a língua leva a ideias de imaturidade, dependência e infantilização, despertando a benevolência, uma forma de preconceito que tem características semelhantes à maternagem.

Destacamos que nossa análise das falas não foi individual, mas sim social. Todos os nossos voluntários se mostraram sensíveis à situação dos estudantes imigrantes/refugiados e percebemos que suas ações foram, sem exceção, no sentido de tentar resolver as demandas relativas aos seus cargos da melhor forma possível. As informações coletadas nos discursos dos entrevistados apontam para saberes circulantes na sociedade local e, por conseguinte, na universidade pesquisada. Por isso, nosso interesse foi encontrar dados que pudessem apontar

para aquilo que está *entre* o individual e o social (Jovchelovitch, 1998), *entre* o mundo interno e o mundo externo (Jovchelovitch, 1998), *entre* a ciência e o senso comum (Marková, 2017), *entre* o psicológico e o social (Arruda, 2014) e nas construções resultantes da relação *entre* as pessoas ou grupos (Santos-Silva; Guerreiro, 2020). Sabemos que as generalizações sobre as informações obtidas devem ser feitas com cautela, não só pelo pequeno número de pessoas entrevistadas, como pelas características de pesquisas nos campos sociais e da psicologia. Ainda assim, cremos que os resultados encontrados são relevantes, tanto para a universidade pesquisada (e com cautela para outras instituições), para que possam ser pensadas intervenções, quanto para o campo das Representações Sociais, uma vez que ainda existem muitas lacunas sobre o tema pesquisado.

Referências

ABRIC, Jean Claude. A zona muda das representações sociais. *In*: OLIVEIRA, Denise Cristina; FARIA, Pedro Humberto (orgs.). **Representações sociais: Uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro, RJ: Museu da República, 2005.

ARRUDA, Angela. Despertando do pesadelo: a interpretação. *In*: SOUZA, C. P. **Angela Arruda e as Representações Sociais: estudos selecionados**. Fundação Carlos Chagas, 2014.

BAJWA, Jaswant Kaur.; *et al.* Examining the Intersection of Race, Gender, Class, and Age on Post-Secondary Education and Career Trajectories of Refugees. **Refuge Canada's Journal on Refuge**, v. 34, n. 2, p. 113-123, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331624430_Examining_the_Intersection_of_Race_Gender_Class_and_Age_on_Post-Secondary_Education_and_Career_Trajectories_of_Refugees. Acesso em: 3 abr. 2022.

BELLO, Kissel Quintana; GUERRA, Valeschka Martins. Explicando o bem-estar de estudantes latino-americanos de pós-graduação no Brasil. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá: n. 1, v. 3, p. 111-128, 2018. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v36n1/1794-4724-apl-36-01-00111.pdf>. Acesso em 20 ago. 2021.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu Antônio; MACEDO, Marília, **Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais, Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF. OBMigra, 2020. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/OBMigra_RELAT%C3%93RIO_ANUAL_2020.pdf . Acesso em: 28 ago. 2021.

CRUZ, Ana Carolina Dias; ARRUDA, Angela. Por um estudo do ausente: a ausência como objetivação da alteridade em mapas mentais do Brasil. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, v. 8, n. 3, p. 789-806, 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000300016. Acesso em 6 de abr. 2023.



DE MELO, Juliana Rízia Félix. *et al.* Escala de benevolência frente à esquizofrenia: construção e evidências de validação. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 36, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/VJBJMwtssYVn79c6cXp69qf/?lang=en>. Acesso em: 22 mar. 2022.

DELFIM, Rodrigo Borges. **Migrações, Refúgio e Apátrida** - Guia para Comunicadores. Acnur: 2019. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Migracoes-FICAS-color_FINAL.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

DE OLIVEIRA, Marcio. S. B. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 19, n. 55, p. 180- 186, 2004.

DEVENNEY, Michael J. V.. **The Social Representations of Disability: Fears, Fantasies and Facts**. Tese de Doutorado, Clare College, 2004. Disponível em <https://disability-studies.leeds.ac.uk/wp-content/uploads/sites/40/library/devenney-PhD-Final-including-bibliography-.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2023.

FAUSTINO, Deivison Mendes; DE OLIVEIRA, Leila Maria. Xeno-racismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU**, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 29, n. 63, p. 193-210, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/remhu/a/WhQNMSS8L6RsKwVWkfR68tg/>. Acesso em 10 ago. 2021.

FLANNERY, Marcia Regina Santana. Discurso discriminatório contra imigrantes haitianos no Brasil em um fórum de notícias online. **Hispania**, v. 101, n. 3, p. 381-393, 2018. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/1/article/702828/summary>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FONSECA, Dagoberto José. A tripla perspectiva: a vinda, a permanência e a volta de estudantes angolanos no Brasil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 23-44, 2009.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/hj53SnrMSK9fyyY9ccBbr6Q/?lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2021.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, Martin W. e GASKELL George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 64-89.

GILMAN, Sander L. Depicting Disease: a theory of representing illness. *In*: GILMAN, Sander L. **Disease and representation: images of illness from madness to AIDS**. New York, Cornell University Press, 1988.

GIROTO, Giovani; DE PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira. Imigrantes e refugiados no Brasil: uma análise sobre escolarização, currículo e inclusão. **Rev. Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 164-175, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/43867/30046>. Acesso em: 26 ago. 2021.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 72-95.



GOMES, Romeu. *et al.* Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, Maria; ASSIS, Simone.; SOUZA, Edinilsa. **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagens de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 185-221.

GUARESCHI, Pedrinho. (1999a). Alteridade e relação: uma perspectiva crítica. In: ARRUDA, Angela (Org.), **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes. 1999. pp 149-16.

HERÉDIA, Vânia. A imigração europeia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul. **Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, n. 94, v. 10, 2001. Disponível em: <[https://www.ub.edu/geocrit/sn-94-10.htm#:~:text=No%20per%C3%ADodo%20de%201830%20a,pela%20Inglaterra%22\(5\)](https://www.ub.edu/geocrit/sn-94-10.htm#:~:text=No%20per%C3%ADodo%20de%201830%20a,pela%20Inglaterra%22(5))>. Acesso em 29 jan. 2025.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro, p. 17-29, 2001.

JOVCHELOVITCH, Denise. Re(des)coabrindo o outro – para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais. In: ARRUDA, Angela. **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 69-82.

JUSTO, Ana Maria; CAMARGO, Brígido Vizeu; ALVES, Catarina Durante Bergue. Os Efeitos de Contexto nas Representações Sociais sobre o Corpo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, 2014, n. 3, p. 287-297. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000300006>.

LUNA, Marla Bernardes Carmino dos Santos; NAIFF, Luciene Alves Miguez. Representações sociais da deficiência nas famílias: um estudo comparativo. **Psicologia e Saber Social, [S. l.]**, v. 4, n. 1, p. 19–33, 2015. DOI: 10.12957/psi.saber.soc.2015.11311. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/psi-sabersocial/article/view/11311> . Acesso em: 19 mai. 2023.

MARKOVÁ, Ivana. A fabricação da teoria de representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 163, 2017, p. 358-375. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/3VdRjVMytzZqPRjWPkPNKTG/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 20 ago. 2021.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOSCOVICI, Serge.; PEREZ, Juan A. Perez. A extraordinária resistência das minorias à pressão das maiorias: o caso dos ciganos em Espanha. In: VALA, Jorge. **Novos racismos**. Lisboa, Ed. Celta, p. 103-120, 1999.



MOUNTIAN, Ilana; ROSA, Miriam Debieux. O outro: análise crítica de discursos sobre imigração e gênero. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 26, n. 2, 2015, p. 152-160. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/J5TDs8RPZ6yx96CHtw8rRBR/abstract/?lang=pt>. Acesso em 10 ago. 2021.

MOURÃO, Daniele Ellery; ABRANTES, Carla Susana Abrantes. Estudantes Africanos dos PALOP em Redenção, Ceará, Brasil: Representações, Identidades e Poder. **Mediações**, Londrina, v. 25, n. 1, 2020, p. 64-81. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341309100_Estudantes_Africanos_dos_PALOP_em_Redencao_Ceara_Brasil_Representacoes_Identidades_e_Poder. Acesso em: 10 ago. 2021.

MUYLAERT, Camila Junqueira. *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 48 (Esp. 2), p. 193-199, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reesp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Glossário sobre Imigração**. 2009 Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2023.

PEREIRA, Cícero; TORRES, Ana Raquel Rosas; ALMEIDA, Saulo Teles. Um Estudo do Preconceito na Perspectiva das Representações Sociais: Análise da Influência de um Discurso Justificador da Discriminação no Preconceito Racial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 1, p. 95-107, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/B8xn3m8C4y3SfMqSTkw3RPc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 nov. 2021.

PETTIGREW, Thomas Fraser; MEERTENS, Roel W. **European Journal of Social Psychology**, v. 25, p. 57-75, 1995. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/229733458_Subtle_and_Blatant_Prejudice_in_Western_Europe. Acesso em: 20 mar. 2023.

PUSSETTI, Chiara. Identidades em Crise: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 19, n. 1, p. 94-113, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/vmZZBr6ZLrhQfsmfQ4kkn9t/abstract/?lang=pt>. Acesso em 23 ago. 2022.

REDIN, Giuliana; BERTOLDO, Jaqueline. Narrativas da exclusão de migrantes e refugiados na universidade. **SER Social**, n. 49, p. 296-317, 2021. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/35802. Acesso em 05 jan. 2023.

SANTOS-SILVA, Dora; GUERREIRO, Débora. Média e migrações forçadas: representações sociais dos refugiados nos média portugueses em dois momentos mediáticos (2015 e 2019). **Comunicação e Sociedade**, v. 38, p. 123-137, 2020. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/2606>. Acesso em: 19 ago. 2021.



VALA, Jorge. Racismos: representações sociais, preconceito racial e pressões normativas. *In*: JESUÍNO, Jorge Correa (orgs). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015.

VALA, Jorge. **Racismo, hoje**: Portugal em contexto europeu. Fundação Francisco Manoel dos Santos: 2021.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

VASCONCELLOS, Karina Mendonça; SANTOS, Maria de Fátima Souza; ALMEIDA, Ângela Maria Oliveira Almeida representação social do aluno com deficiência na educação inclusiva: o olhar das crianças. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 277-287, 2011. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/2441/2321> . Acesso em: 19 mai. 2023.

